

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:
CIDADE VIVA
INSTITUTO

denominação
Fazenda da Glória

código
AV – FO6 – Car

localização
Trevo da RJ-144 e RJ-148 – Carmo (sentido Cantagalo - RJ)

município
Carmo

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



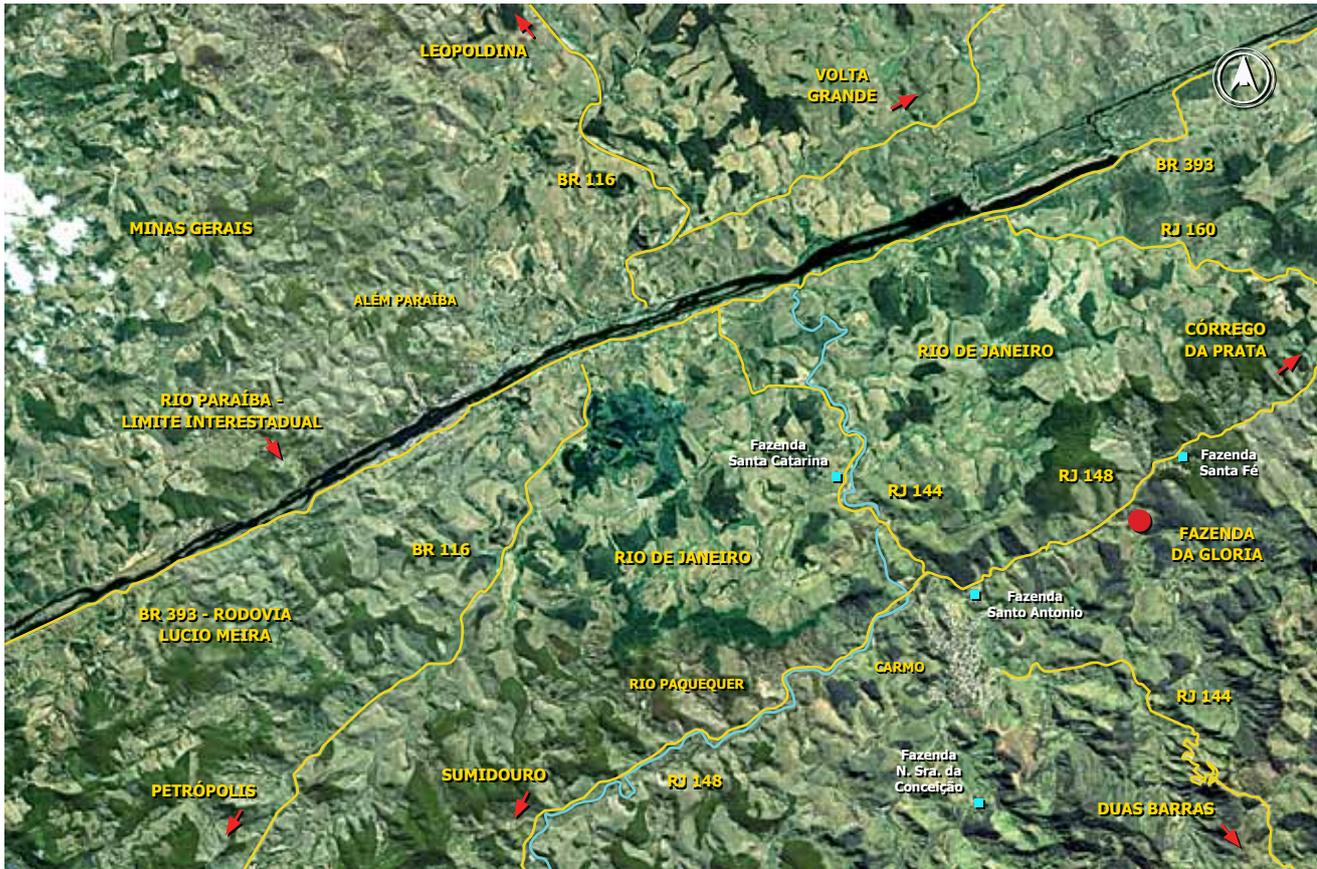
fonte: IBGE - Além Paraíba



casa-sede da Fazenda da Glória

coordenador / data **Sonia Mautone Rachid – jun 2010**
equipe **Sonia Mautone Rachid, J. Roberto M. Ribeiro e Marcos Vinícius Silva Gomes**
histórico **Sonia Mautone Rachid**

revisão / data
Thalita Fonseca – jul 2010



situação



ambiência

Chegando ao centro de Carmo, no bairro de Barcelar, segue-se pela RJ-148, em leito de terra no sentido do município de Cantagalo, a partir do entroncamento das rodovias RJ-144 e RJ-148, o qual dista 4,5 km da Fazenda da Glória.

Nessa estrada, já podem ser avistadas as construções do trato rural (f01), com um denso arvoredo, ao fundo, que abriga a casa-sede. Atravessando a pequena ponte sobre o Córrego da Glória, percorre-se um curto caminho e, tomando-se a direita em uma bifurcação, chega-se a uma área utilizada para pastagem, frontal à entrada da fazenda.

Para além da porteira (f02), uma murada em grandes lajeados delimita um dos antigos terreiros de secagem de café, onde, em meio ao matagal, resistem vestígios (f03) dos embasamentos de pedra de extintas edificações, como enfermaria, tulhas, engenho de beneficiamento do café e paiol.

O caminho de acesso à casa-sede segue paralelo a um muro contínuo, que fecha uma das laterais do curral. Construído sobre base de pedra, o muro apresenta colunas ritmadas, encimadas por pináculos em massa e confeccionadas com tijolos produzidos na própria olaria da fazenda (f04). No século XIX, no lugar dos panos de alvenaria, o fechamento era feito por uma vedação rendilhada em madeira.

Dois elementos chamam atenção nessa chegada à Fazenda da Glória: um tanque lavrado em bloco único de pedra (f05) e a caixa d'água em chapa de metal, toda montada com arrebites (f06).



01



02



03



04



05



06

Ainda na entrada, o grande largo tem, à esquerda, um dos currais com depósito anexo (f07) e, à direita, o acesso para o grande curral (f08), onde se encontram as baias, bezerreiro, sala do leite e um depósito localizado numa edificação à parte, anteriormente utilizada como escritório. Nesta última, destacam-se esbeltas colunas em ferro fundido (f09).

Na face oposta do curral, um compartimento com portas é o espaço da picadeira e armazenamento do capim. Esta lateral se volta para os antigos terreiros de café, que possuem piso em lajeado e se dividem em dois níveis (f10). Os patamares se comunicam por escada de pedra em formato de meia-lua, junto a uma canaleta desativada. O terreiro localizado no patamar superior recebia o café que vinha do grande tanque de pedra – situado ao lado da casa-sede e que hoje está coberto por vegetação – através das canaletas, que desaguavam num segundo tanque.

Neste último, gradeado e localizado quase no meio do terreiro –hoje obstruído pelo mato –, a água era escoada e os grãos retirados para a secagem.

Ao fundo do grande terreiro, vê-se uma edificação que abriga o paiol e, no nível inferior, criadouros desativados (f11). Dali é possível observar uma das faces da grande murada em pedra e sua bela escadaria (f12).

O caminho que segue para a casa-sede é pontuado por mangueiras e nele também estão os silos, junto à bela murada (f13), interceptada por mais duas escadarias que acessam o pomar, na lateral da casa.

Na sequência, localizam-se a pocilga, à esquerda, e, ao fundo, o barracão com um sobrado (f14).



07



08



09



10



11



13



12



14

Nele funcionava, no térreo, o alambique e o moinho de fubá, com maquinário variado, como debulhador de milho e descascador de arroz. No pavimento superior, um armazém servia aos colonos. Na década de 20, o espaço foi transformado em fábrica de laticínios, e atualmente, mantém um depósito (f15).

Da roda d'água, localizada junto ao sobrado, saía uma banqueta suspensa para abastecer a fazenda. Essa banqueta constituía-se em uma tora de madeira lavrada, coberta com estrado, que atravessava por sobre o caminho (f16).

Segundo relatos, uma calha de madeira também saía do alambique apoiada por suportes de ferro – dos quais ainda se encontram alguns pinos – e corria junto à murada de pedra, conduzindo a aguardente até um tanque de cantaria com bica (f17). Este tanque está situado sob o patamar da escada de acesso entre a casa-sede e os antigos terreiros de café. Conta-se que a cada trabalhador da fazenda era dada a sua cota diária do produto. Geminado ao sobrado está um barracão, onde se fazia a torrefação do café, que era vendido em latas de 20 kg (f18). A construção assobradada que vem em seguida (f19) mantinha um alojamento para os empregados, e hoje serve, parcialmente, como moradia de colono. Seu pavimento térreo, cujas paredes são de blocos de pedra, era utilizado para ceva de porcos com água corrente. Sustentando o assoalho, chama atenção, uma única peça de sapucaia medindo 20 metros de comprimento.

Adiante, surgem as ruínas do antigo engenho de cana com sua chaminé (f20), a partir de onde se vê, ao fundo, uma casa de colono e as colunas que pertenceram a uma serraria. Atrás dessas estruturas, pode-se ver o arrimo de um dos açudes (f21).

De volta ao caminho que conduz à sede, este se curva à direita, atravessando um pórtico simplório com portão de ferro (f22) e passando por um espaço com piscina sob o arvoredado (f23), onde era localizada a casa do administrador da fazenda, até chegar a um gramado que antecede a fachada frontal com varanda (f24).

Ao lado do casarão, encontra-se um jardim, formado por canteiros com arbustos de murtas, jasmims do imperador, frutíferas e palmeiras.



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24

Este mesmo jardim possuía lago com repuxo, pombal e caramanchões, mas hoje é entrecortado por passeios de cimento, dos quais um deles (f25) conduz a uma escadaria (f26) que leva ao pomar e aos antigos terreiros de café.

Sob o patamar dessa escada, há o já citado tanque formado por blocos inteiriços de pedra (ver f17), e em sua testada aparecem entalhes de formatos cuneiformes (f27) com o registro em alto relevo do ano de 1868. O nicho onde se localiza o tanque apresenta vão com verga em arco pleno emoldurado com requadro em pedra, além de modilhões que sustentam o lajeado do patamar acima (f28).

Mais à frente, havia outra escada nessa mesma murada, a qual dava acesso à área posterior da sede, mas esta foi desativada.



25



26



27



28

Construída próxima a um corte de terreno, parte da edificação correspondente à fachada dos fundos do casarão se apoia sobre porão baixo (f29), face esta voltada para os grandes terreiros de café (ver folha de rosto).

Erguida sobre base de pedra, a casa-sede possuía estrutura em gaiola de madeira com fechamento de pau a pique até a década de 1930, quando uma reforma substituiu as antigas paredes por tijolos maciços. Ali foram apenas mantidas as cores – caiação de branco e esquadrias externas azuis, hoje já desbotadas.

Tais esquadrias apresentam verga reta, onde portas e janelas exibem bandeiras estreitas em caixilho de vidro. As janelas têm duas folhas cegas no interior – pintadas de branco – e duas folhas azuis envidraçadas que se abrem para o exterior. A exceção é restrita à porta da capela, que tem verga em arco pleno e bandeira com caixilharia de vidro.

A cobertura, de telhas de capa e bica, exhibe beiral arrematado com guarda-pó em reguado de madeira.

Na fachada principal, um passeio revestido com ladrilhos hidráulicos conduz à varanda (f30), que é delimitada por uma mureta com pilares, nos quais está apoiada a cobertura (f31).

Nesse local, encontram-se alojadas duas relíquias: um antigo *troller* da fazenda, de 1897 (ver f31), e um painel de azulejos portugueses, que reveste uma das paredes desse ambiente (f32).



29



30



31



32

Com planta em formato de “L” uma das extremidades da varanda leva à capela (f33). Esta, já sem o retábulo e o altar, mantém apenas uma pia batismal em mármore, com ornatos lavorados (f34). Ali ao lado, estruturas de concreto sustentam o sino da fazenda (f35).

No outro braço da varanda, o mais extenso, três portas dão acesso ao interior do casarão (f36). Duas delas se abrem para um salão, onde uma parede com vão em arco subdivide o espaço, que se comunica com três quartos (f37 e f38) e uma sala de estar contígua, para a qual se abrem mais dois quartos. Originalmente, o salão (f39) consistia em duas salas independentes, sendo uma – juntamente com os dois quartos anexos – destinada a hospedar viajantes.

A seguir, um espaço de transição distribui para um banheiro (f40), quarto, copa conjugada com cozinha (f41) e as despensas (f42).

Através da copa/cozinha, chega-se à área externa, que apresenta varanda com telhado independente – onde estão distribuídos tanques e fogão a lenha (f43) – e um pátio descoberto. Ao lado do pátio, uma construção anexa reúne área de serviço, depósito, banheiro e a casa do caseiro, cuja entrada está localizada ao fundo da edificação. Um telheiro serve de garagem.

Internamente, verifica-se que o piso foi sendo substituído ao longo do tempo por ladrilho cerâmico em alguns ambientes, como varanda, espaço de transição, despensas, cozinha, copa e banheiros; o salão atualmente é revestido por taco, e os quartos alternam o uso de tacos e tábua corrida.

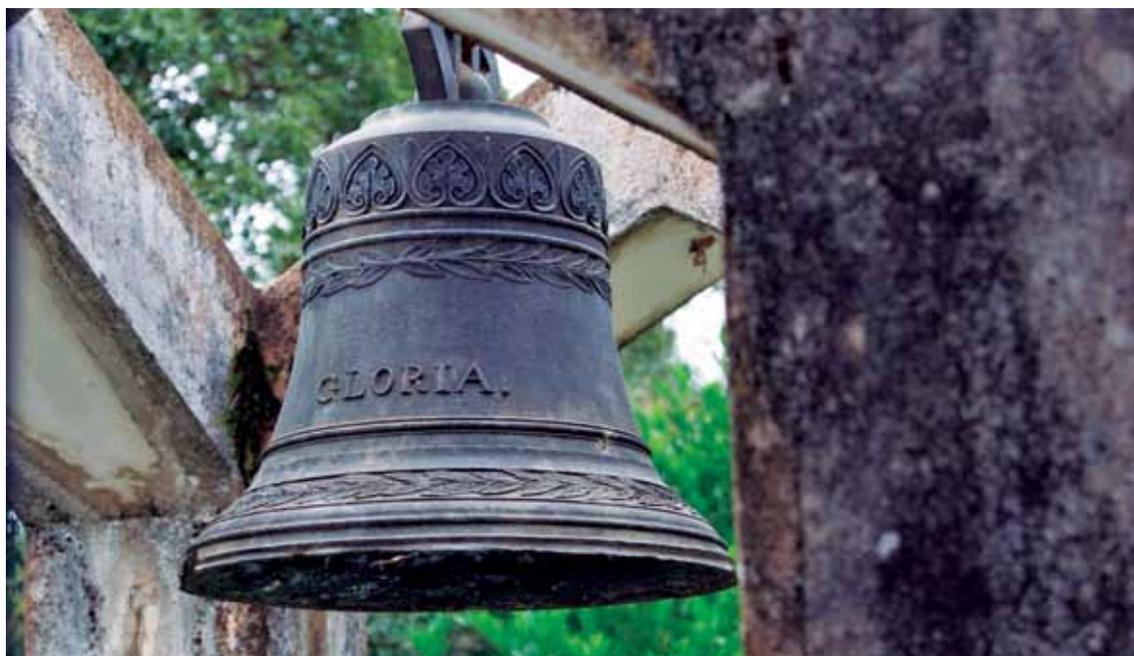
O forro, em saia e camisa, apesar de estar em péssimas condições, possui um acabamento característico presente em quase toda a casa. Excetuam-se a essa regra o espaço de transição e os banheiros – que têm forros em compensado–, além da copa, cozinha e avarandado, com cobertura de telhas vãs.



33



34



35



36



37



38



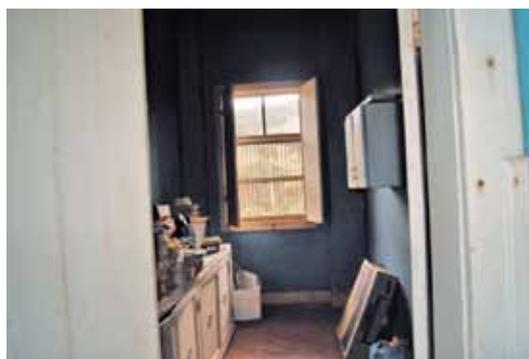
39



40



41



42



43

Uma grande parte do casarão foi demolida, onde estão o pátio, o varandão e as construções de serviços. Das construções de trato rural, o curral em alvenaria foi construído na década de 1920, e se destaca por ser uma construção bem peculiar, rica em detalhes e de caprichosa execução. Sua cobertura de capa e bica apresenta beiral encachorrado e, sob a cumeeira, um extenso lanternim com venezianas (f44).

Em uma das laterais dessa construção, um lambrequim com detalhes em formato de ferraduras é intercalado com pilares de madeira; nos extremos, são observadas pilastras com cornija e decorativas cabeças de cavalo (f45); na lateral oposta, voltada para os antigos terreiros de secagem de café, um correr de oito arcos trilobados (f46).

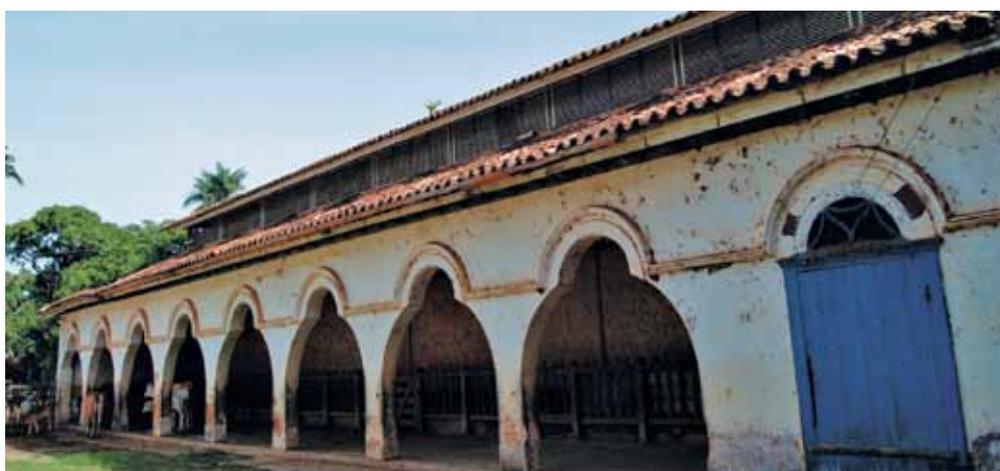
O sobrado (ver f15) onde funcionou o alambique tem vedações em pau a pique apoiadas sobre maciças paredes de pedra, as quais sustentavam a roda d'água (ver f14). Suas escadas, cunhais e vãos de portas com umbrais – um deles emparedado – são em pedra.



44



45



46

As sólidas estruturas e paredes resistem, enquanto o estado precário dos forros (ver f33 e f39) e assoalhos (f47) se agrava com a falta de utilização do casarão. A aeração deficiente somada a infiltrações descendentes, infestação de morcegos e presença de insetos xilófagos são identificadas como fatores aceleradores da decadência da edificação.

Intervenções como a realizada na cozinha, onde foi executada uma viga estrutural de concreto armado (f48), denota a intenção de adequações.

No exterior, as paredes apresentam sujidades e descolamento da pintura (f49 e f50); no embasamento, desagregação do emboço e umidade provocados por infiltração ascendente (f51).



47



48



49



50



51

As esquadrias da fachada posterior, devido à exposição permanente às intempéries, trazem as folhas de venezianas já bastante deterioradas em função da ausência de proteção da pintura (f52 e f53). Os beirais estão comprometidos pelas infiltrações e falta de manutenção, assim como as calhas, que já não possuem os apoios e exibem desenvolvimento de vegetação oportunista (ver f51). As construções do trato rural, tais como os currais, demonstram integridade nas estruturas e nos telhados, necessitando apenas de manutenção. Excetuam-se o sobrado onde funcionou o alambique, o moinho e a antiga fábrica de laticínios, que hoje ameaçam desabar (f54), como também a construção assobradada que vem em seguida a ele (ver f19), que também se encontra em condições precárias de conservação.



52

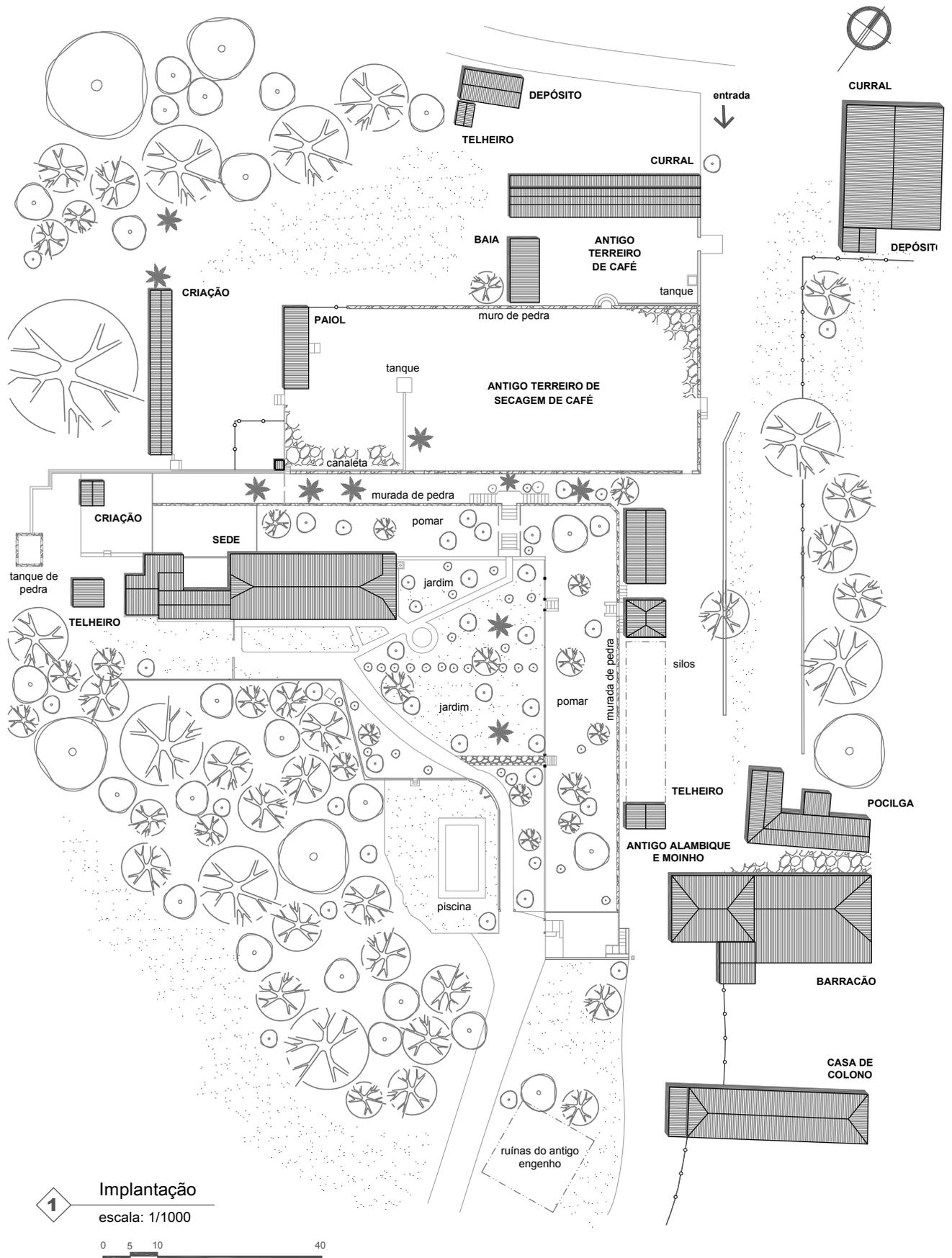


53



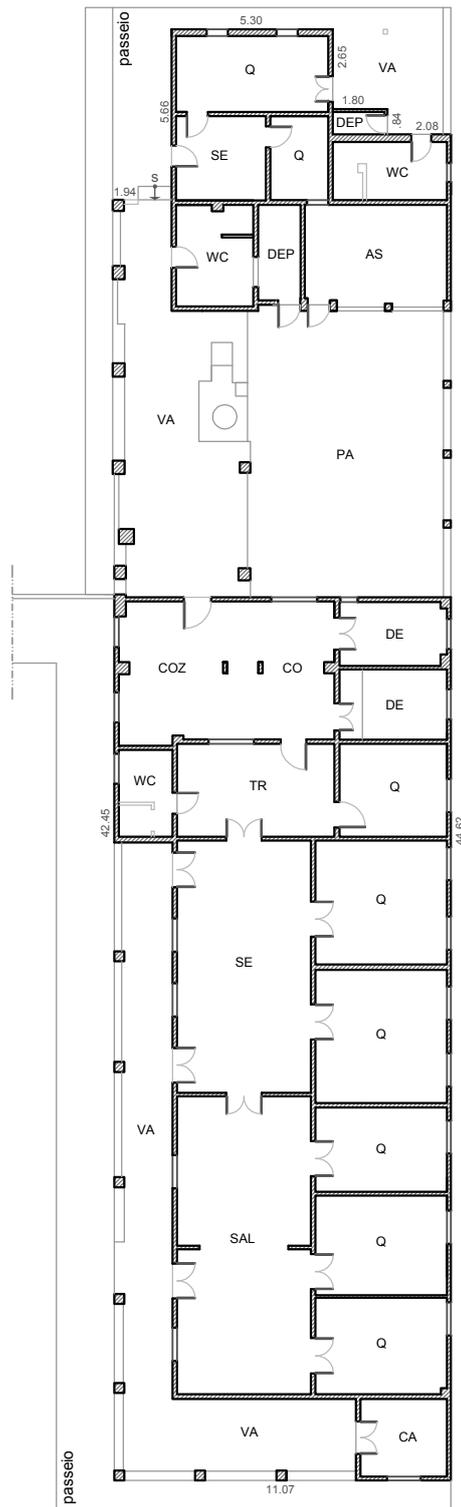
54

FAZENDA DA GLÓRIA



1 Implantação
escala: 1/1000

FAZENDA DA GLÓRIA



1

Planta Baixa da Sede

escala: 1/250



AS - área de serviço	CO - copa	DE - despensa	PA - pátio	SAL - salão	TR - transição	WC - banheiro	alvenaria existente
CA - capela	COZ - cozinha	DEP - depósito	Q - quarto	SE - sala de estar	VA - varanda	alvenaria demolida	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F06 - Car

2/2

equipe: Sonia Mautone Rachid / J. Roberto M. Ribeiro / Marcos Vinícius	desenhista: Marcos Vinícius Silva Gomes	revisão: Francyla Bousquet	data: jul 2010
---	--	-------------------------------	-------------------

Conforme o registro paroquial de terras, declarado por seu proprietário Vicenz Uebelhard (simplificado depois para Vicente Uebelhart), no ano de 1856, a Fazenda da Glória possuía “pouco mais” de duas sesmarias de meia légua em quadra e mais dois sítios anexos, sendo um no Paquequer Grande, denominado Santa Rita, e outro denominado Boa Esperança. Segundo Uebelhart, a fazenda foi adquirida por escritura de compra feita a Manoel Alvares de Azevedo, Manoel José Rodrigues e Luis da Silva Brayes.

Vicente Uebelhart era o patriarca de numerosa família que viajara no navio Elizabeth Marie rumo ao Brasil. Era casado com Rosa Herte, e pai de sete filhos. Chegando ao Brasil e estabelecidos em Nova Friburgo, ocuparam a casa 65, obtendo o lote 15 por sorteio. Tempos depois, adquiriu as terras da Fazenda da Glória, na freguesia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na época, município de Cantagalo, lá ficando até o ano de 1859, ano provável de sua morte.

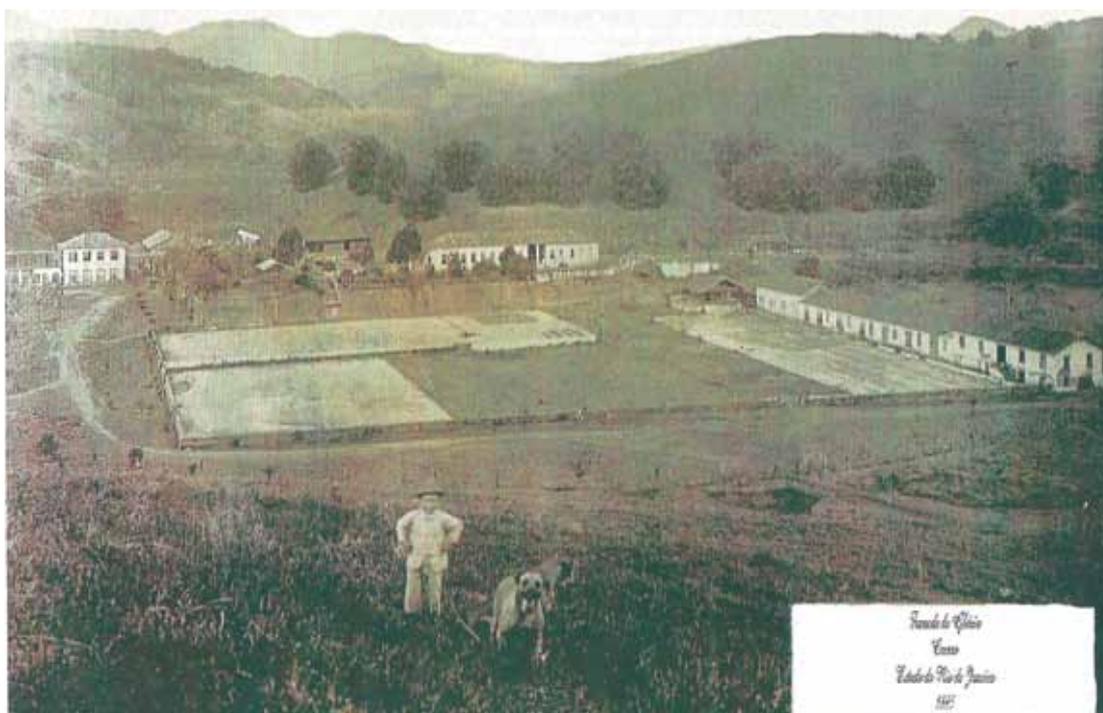
Por volta de 1860, os herdeiros e cunhados Antônio Inácio Lemgruber e Manoel José Rodrigues, estabeleceram sociedade na fazenda através da firma Lemgruber & Rodrigues. Porém esta sociedade não durou muito tempo, e, em 1861, Antônio Inácio adquiriu a metade de Rodrigues na fazenda, a qual possuía 218 escravos.

Segundo a historiadora Leila Vilela Alegrio, em seu artigo sobre a Fazenda Santo Antônio, também de propriedade de Inácio Lemgruber, neste mesmo ano de 1861, a Fazenda da Glória recebeu a visita do ilustre conde D’Ursel:

“(...) O conde d’Ursel escreve em seu livro Amerique: séjours et voyages au Brésil, a la Plata, au Chili em Bolivie et au Pérou par le Cte, que visitara a fazenda da Glória do senhor Leingruber, e resalta que os pais deste vieram para o Brasil sem um tostão no bolso, mas que seu filho possuía alguns milhões, e, em sua fazenda, os escravos trabalhavam cerca de doze horas por dia. (...)”⁴

Os Lemgruber, católicos de expressão germânica, eram inicialmente nove indivíduos, liderados por Inácio Lemgruber (grafia simplificada no Brasil). Embarcaram na Europa, no mesmo navio em que vieram os Uebelhart, no dia 4 de dezembro de 1819, rumo ao Brasil. O casal Lemgruber, com seis filhos (Anton, Frederic, Johann, Marcus, Maria, Fidel – Blasius morreu durante a viagem), recebeu o lote número 26, da Colônia Suíça de Nova Friburgo.

O motivo que levou Ignaz Leingruber, mulher e filhos a abandonar o lote que lhes fora destinado é desconhecido. O fato é que se estabeleceram com a lavoura de café em terras na localidade de São Sebastião do Alto, na época, município de Cantagalo. O patriarca da família, entretanto, morreu em 1836 e foi sepultado na capela de Santa Rita do Rio Negro.



Fazenda da Glória, 1895, s/a, acervo de Francisco José de Araújo Lutterbach

Antônio Inácio Lemgruber e Mariana tiveram dois filhos: Antônio Ubelhart Lemgruber (c.1840-1881) e Manoel Ubelhart Lemgruber (c.1845-1921).

Antônio foi sócio com o pai na Fazenda da Glória, até a sua morte trágica no ano de 1881, atropelado por um bonde no bairro de Laranjeiras, em frente à mansão onde residia. Dono de excepcional fortuna, casou-se em primeiras núpcias, por volta de 1865, com Rosa Maria Ubelhart Rodrigues, sua prima, filha de Manoel José Rodrigues e Anastácia Ubelhart, falecendo esta na Fazenda da Glória, vítima de febre amarela. Após viuvez, ele se casou novamente, em 1876, com Luiza Velho de Avelar, filha do visconde de Ubá, da importante Fazenda Pau Grande, em Vassouras.

Tudo indica que Antônio Inácio havia passado a Fazenda da Glória a seu filho Antônio, pois, em 1895, d. Luiza Velho Lemgruber vendeu a Fazenda da Glória a Antônio Luterbach e Margarida Wermelinger Monnerat.

Antônio Luterbach era o segundo filho de Joseph Jonhann Constatin Luterbach (1796-?), casado em 1834 com Mirie-Barbe Regine Monnerat.

Joseph fazia parte de uma irmandade de sete suíços que vieram da Europa nas mesmas condições que os seus compatriotas Lemgruber e Ubelhart. Embarcaram no navio Camillus em 1819. Durante a viagem, ainda no início, faleceu o patriarca Jonhann e o pequeno Jacob com apenas dez anos. O restante da família chegou a Nova Friburgo, onde ocuparam por algum tempo, a casa 84 e o lote 87, tendo como líder e arrimo o jovem Joseph.

Pouco a pouco, as condições socioeconômicas do grupo apontaram em direção à estabilidade. Joseph, ainda morador de Nova Friburgo, adquiriu, em abril de 1833, uma sorte de terras da Fazenda Três Barras em Cantagalo, onde aos poucos foi adquirindo mais terras contíguas.

Seu filho, Antônio Luterbach, foi o responsável pela introdução do gado zebu e guzerá indiano no Brasil, em 1884, na Fazenda Três Barras, que havia herdado do pai. Através desta iniciativa, a família Luterbach inaugurou um novo capítulo na história da pecuária brasileira. Sucedeu Antônio na Fazenda da Glória, o seu filho Júlio César Lutterbach (24.12.1873).

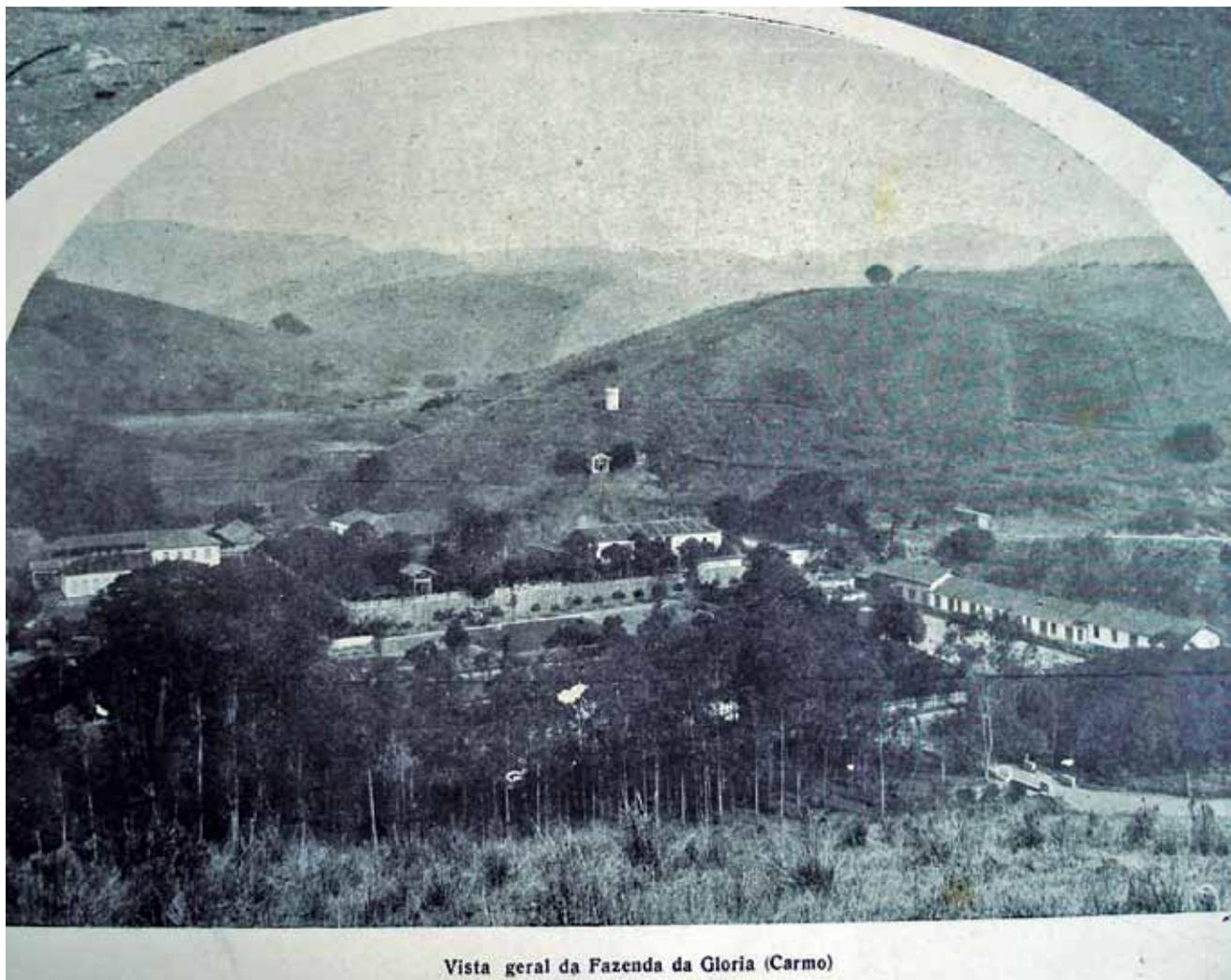


Fazenda da Glória, 1929, s/a, acervo de Francisco José de Araújo Lutterbach

“As fazendas exigiam o trabalho e o leite do gado, características funcionais típicas do zebu na própria Índia. Por isso, Antônio Lutterbach rapidamente começou a ter sucesso comercial com o zebu e percebeu que até poderia sobreviver à queda do café na Província, fato que se apontava para um horizonte não muito distante. Assim, resolveu ampliar ainda mais seu núcleo de zebu, adquirindo em 1895 a Fazenda da Glória de d. Luiza Avellar Lemgruber.

Empreendedor, Julio César era um leitor assíduo de livros e revistas européias, pois tivera professor particular na própria fazenda, principalmente de línguas: inglês, alemão e francês. Procurou sempre adaptar insumos tecnológicos na Fazenda da Glória: máquinas especiais para beneficiamento de milho, de mandioca, uma usina para fabricação de aguardente e açúcar, usina para beneficiamento de leite, fábrica doméstica de doces. Tudo movido por eletricidade obtida por meio de um gerador hidráulico de 1.000 kwA. O café continuava sendo ainda o suporte econômico da fazenda, com suas 29 mil arrobas/ano, a ponto de Julio César abrir no Rio de Janeiro uma firma comercial de importação e exportação. Essa empresa iria lhe abrir as portas para o mundo, levando-o a importar incrível variedade de mudas, sementes e vasta literatura sobre a atividade rural de outros países conseguindo obter uma espetacular variedade de plantas ornamentais em seus jardins, ao mesmo tempo, que multiplicava a rentabilidade da fazenda. Tudo se fazia ali mesmo: farinha, doces, geléias, compotas, licores, aguardente, defumados, queijos, rações, etc. Rapidamente a fazenda transformou-se num império comercial alicerçado na tecnologia e no dinamismo ímpar de um homem. Saltando mais de um século à frente, a Fazenda da Glória praticava a reciclagem de todos os subprodutos de agricultura e pecuária, gerando rações diversificadas e alimentos especiais, bem como adubos, ou fertilizantes. Nada se perdia... para permitir o lucro máximo”. (Revista Agropecuária Tropical nº 62).

A fazenda da Glória destacava-se também pela diversidade de criações; sendo pioneira, importava variadas raças e tudo se desenvolvia como uma criação tecnificada, merecendo destaque nacional. Criava desde galinhas, patos, marrecos, gansos, perus, pombos, coelhos, caprinos, suínos (com mais de duas mil cabeças), equinos – que se destinavam ao exército brasileiro, sendo que os animais eram vistoriados por Júlio Lutterbach, antes de serem entregues ao governo.



Vista geral da Fazenda da Glória (Carmo)

Julio foi também elevado à categoria de sócio efetivo do Jockey Clube Brasileiro, com seus cavalos de corrida e o puro-sangue inglês disputando no hipódromo do Rio de Janeiro. Citamos ainda que os carroções de lixo da cidade do Rio de Janeiro eram puxados por muares fornecidos pela Fazenda da Glória. A fazenda produzia diversos tipos de mestiços de taurinos e zebuínos, o que exigia um elevado grau de conhecimento de zootecnia; e na própria fazenda se produzia a carne-seca, comercializada em fardo.

“Era um centro obrigatório de visitas diversas, de políticos, de curiosos, de comerciantes de pecuária e agricultura. Era um centro de aprendizado! Era quase um “santuário do zebu” e de tantas outras atividades. Lá estiveram visitas famosas como presidentes das Províncias (diversas vezes), muitos estrangeiros em visitas de estudo.

De seu escritório no Rio de Janeiro, dominava o mundo, chegando a ser eleito para o Conselho Superior da Sociedade Nacional da Agricultura, cargo que o levaria para o Exterior, notadamente para o Uruguai e Argentina, como eficaz representante do Brasil.

Satisfeito com o resultado de sua vida extremamente laboriosa e dinâmica, Júlio César Lutterbach repartiu seus bens, retirando-se para a Fazenda Paraíso, para gozar os últimos dias de sua vida. Chamou seu filho João Batista Monnerat Lutterbach para abençoá-lo como sucessor do gado. Além de entregar-lhe os animais a que teria direito por herança, presenteou-o com a vaca Guzerá e sua cria ao pé, dizendo: “Tudo que tenho de excelência partiu de uma vaca Lembrança que recebi de meu pai a bordo do navio que chegou da Índia. Agora lhe dou essa fêmea para que ela sempre lhe torne presente que a excelência está no zebu, pois ele é um dos produtos mais aperfeiçoados do mundo.

Essa vaca também foi batizada com o nome de LEMBRANÇA e seria o esteio de mais um período de melhoramento do gado guzerá da família Lutterbach.

João Batista Monnerat Lutterbach preferiu selecionar o gado Guzerá em sua fazenda denominada Santa Catarina, antes anexada a da Glória. Tinha um especial e arguto senso intuitivo, ganhando, talvez por isso, a preferência de seu pai para manter em pé a seleção do zebu. Júlio César deixaria este mundo em 12 de novembro de 1939, confiante de que o gado estava em boas mãos! De espírito investigador, alta cultura e detalhista extremado, João Batista rapidamente dominou a escrituração do gado, elevando-a a uma altura nunca atingida por qualquer tipo de seleção no Brasil, e quiçá, no mundo ocidental.

A Fazenda Santa Catharina mantinha-se à custa do leite produzidos por vacas guzerá, principalmente após a “quebra do café” (1929/30) e depois da crise do zebu.

Passou a vida em retiro, mergulhado na fazenda, sem filhos, com os olhos dirigidos para o nobre gado que ele sabia ser importante para o país.

Em 1969, quando a raça começava a dar sinais de recuperação, esboçou um sorriso, pois era chegado o momento do descanso tão almejado. Analisou todos os seus sobrinhos e escolheu Francisco José de Araújo Lutterbach um criador do holandês e mestiço para leite, proprietário da Fazenda São Luis, para continuar a longa tradição.” (Revista Agropecuária Tropical nº 62).

Fontes:

Registro Paroquial de Terras. Propriedade de Vicente Ubelhart. Fazenda da Glória. Registro feito em 17.01.1856, no Livro 24, Registro, p.29 e 29v. Freguesia de Nossa Senhora do Monte Carmo, município de Cantagallo. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

BOM, Henrique. *Imigrantes: a saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da independência*. 2ª Ed. Nova Friburgo: Imagem Virtual, 2004. P.885-86.

JÚNIOR, Antônio Pinto Corrêa. *Da Corte à Fazenda Santa Fé*. Rio de Janeiro: Typografia Universal de E. & H. Laemmert – Rua dos Inválidos, 61B – 1870.

<http://www.cccrj.com.br/revista/827/15.htm> visitado em 07. 07. 2010.

Revista Agropecuária Tropical, nº 62.